

3 Escolhas Metodológicas

Diabo de menino internetinho
Sozinho vai descobrindo o caminho
O rádio fez assim com seu avô
Rodovia, hidrovía, ferrovia
E agora chegando a infovia
Pra alegria de todo o interior
(Banda Larga Cordel, Gilberto Gil)

O fato de que as TIC's alteram os modos como, hoje, produzimos nossa realidade e construímos nossa experiência, não é novidade. Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, percebi que existe uma enorme quantidade de estudos e investigações sobre o tema em várias áreas, inclusive no campo da educação. Em livros, artigos, reportagens e outros materiais consultados, não raramente os textos fazem algum tipo de alusão à presença das TIC's no campo educacional, atribuindo-lhes múltiplos sentidos e potencialidades.

Contudo, a multiplicidade de especulações, opiniões e projeções tornam as incertezas maiores ainda. Seja pela velocidade com que as mudanças ocorrem, seja pela produção em ritmo frenético das informações, seja porque a área é jovem e ainda em formação, a meu ver, este é um campo de estudos dinâmico e multidisciplinar que, necessariamente, conduz ao diálogo com vários outros campos científicos. Essas características, se por um lado, exercem um grande fascínio sobre muitos pesquisadores, como é o meu caso, por outro lado, deixa transparecer certa fragilidade metodológica, dado que as técnicas de pesquisa aplicadas ainda não oferecem todas as ferramentas necessárias para a exploração do campo. Como nos adverte Bertaux, fazer pesquisa na área das ciências sociais “é buscar propor para uma realidade social histórica determinada uma interpretação convincente” (Bertaux, 1985, p.3).

Nesse sentido, durante o percurso dessa investigação, busquei apoio em diversos autores de diferentes áreas, com o objetivo de construir um arcabouço teórico que desse sustentação a minha proposta interpretativa, além de adotar as escolhas metodológicas que acreditei serem as mais adequadas ao trajeto que percorri, cuidando em preservar o espaço para o pensamento, para a reflexão e para o novo.

Nessa linha, o trabalho aqui desenvolvido se inspira na metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados, ou ‘Grounded Theory’, que na classificação apresentada por Lowenberg (1993) é um tipo de pesquisa interpretativa situada como uma variante dentro do interacionismo simbólico. A teoria fundamentada nos dados estaria localizada como uma variante dentro do interacionismo simbólico que também incluiria a etnografia. As raízes dessa teoria, voltada, segundo a perspectiva interacionista, para o conhecimento da percepção ou do “significado” que determinada situação ou objeto tem para o outro. Segundo LOWENBERG (1993) a pesquisa interpretativa reuniria, pois, estudos que utilizam a fenomenologia e o interacionismo simbólico. A relação entre as duas abordagens estaria no fato de ambas se relacionarem ao estudo dos aspectos experienciais do comportamento humano, ou seja, a maneira como as pessoas definem os eventos ou a realidade e como agem em relação a suas crenças. Sob a orientação dessa teoria, o pesquisador se aproxima do assunto a ser investigado sem a intenção de testar, *a priori*, uma teoria mas, pelo contrário, movido pelo desejo de entender uma determinada situação, compreender como e porque seus participantes agem de uma determinada maneira, e ainda como e porque determinado fenômeno ou situação se desdobra deste ou daquele modo. Dentro da sua situação de pesquisa, a tarefa do pesquisador é compreender o que está acontecendo lá, e como os sujeitos envolvidos desempenham os seus papéis. Por meio de instrumentos variados de coletas de dados, principalmente observações, conversas e entrevistas, o pesquisador reúne um volume de informações sobre o fenômeno observado. Após cada turno de coleta de dados as principais questões observadas passam a compor as anotações pessoais. Comparação constante é o centro do processo. Comparando essas informações, identificando exceções e regularidades, buscando a extração de sentido destas informações, o pesquisador ao final, nas suas conclusões, com algumas teorias que surgiram desta análise. Em outras palavras, a(s) Teoria(s) é aquilo com que o pesquisador encerra seu trabalho e não com o que principia. Não é aquilo que vai ser testado (não é o problema) mas aquilo que se conclui depois de uma pesquisa e da análise dos dados dela resultantes.

3.1

Caminhos percorridos: rupturas e continuidades

Quando, em setembro de 2008, cheguei ao Cremit – Centro de pesquisa em Mídia, Educação e Tecnologias, da Universidade Católica de Milão, para fazer ali, um estágio sanduíche de seis meses, portava comigo não somente um misto de expectativa, ansiedade e medo das experiências que estavam ‘por vir’, mas também o meu projeto de pesquisa, recentemente aprovado na primeira qualificação do curso de doutorado. Nesse projeto, propunha uma investigação sobre as experiências e vivências dos jovens que acessavam a Internet dentro dos espaços das LAN houses. O campo empírico recortado contemplava as LANs situadas no município de São Gonçalo, uma das cidades da periferia do Rio de Janeiro que apresentava na época um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano – IDH, entre as cidades brasileiras.

Como antes de partir para esse estágio na Universidade Católica de Milão, já tinha feito algumas incursões ao campo por meio de observações exploratórias em LANs Houses da cidade, entrevistas abertas com alguns frequentadores, além de resumir, arquivar e consultar um robusto material bibliográfico sobre o tema, segui confiante, acreditando nas contribuições que as trocas a serem realizadas por via dessa nova experiência, trariam para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Nas experiências vivenciadas durante o estágio, percebi que, frente ao aprendizado prático e teórico que a oportunidade de acompanhar o trabalho desenvolvido pelo CREMIT estava me proporcionando, se apresentava a possibilidade de aprofundar meus conhecimentos sobre a minha investigação, por meio da participação em uma grande variedade de debates teóricos e pesquisas empíricas, que possuem como objeto de estudo as relações dos jovens com a internet, considerando a rede como espaço investigativo e formativo de intervenção.

Quando da proximidade de finalização do período de duração da citada bolsa de estudos, diante do bom trabalho que desenvolvi no estágio, conforme a avaliação positiva que recebi do professor Dr. Píer Cesare Rivoltella, avantei a possibilidade do meu retorno para continuar a desenvolver atividades de pesquisas junto ao CREMIT e acompanhar, por mais um tempo, os trabalhos de pesquisas desenvolvidos pelo centro. Atendendo a minha solicitação, promoveu minha

inserção em algumas pesquisas em andamento que, de algum modo, dialogava com a minha investigação. Dessa maneira, configurou-se a possibilidade do meu retorno ao CREMIT, com o objetivo de participar mais ativamente destes projetos.

Assim, voltei ao Brasil em março de 2009, não somente para cumprir com as exigências de alguns processos burocráticos referentes ao estágio realizado, mas também para dar andamento a minha investigação, fazendo uma breve incursão no campo empírico das LANs houses. Foi nesse período que realizei uma entrevista, previamente agendada, com o Sr. Mario Brandão, presidente da ABCID - Associação Brasileira dos Centros de Inclusão Digital. Como estratégia de sondagem da funcionalidade do questionário junto aos jovens no Brasil, apliquei a versão elaborada na Itália com vinte estudantes do ensino médio do Instituto de Educação Clélia Nanci, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, freqüentadores de uma LAN House situada nas vizinhanças da escola.

Minha intenção primeira com essa sondagem era fazer uma breve comparação entre as respostas dos alunos italianos com a dos alunos brasileiros, buscando uma maior compreensão dessas duas realidades. Hoje percebo que este foi o primeiro passo em direção às mudanças que, mais tarde, seriam decisivas para refazer o mapa que eu havia traçado inicialmente para me orientar durante o meu percurso investigativo.

Retornando para um período de mais seis meses na Itália, dei continuidade aos trabalhos que já vinha desenvolvendo no Cremit, centrando minha participação nas pesquisas que focavam os jovens em interação com as diversas mídias no âmbito da educação, prioritariamente, a Internet.

Do ponto de vista da troca acadêmica, destaco minha participação, na condição de ouvinte, em encontros, seminários e debates, a exemplo do ocorrido durante um fim de semana na cidade de Valgrisenche, na região de Vale d'Aosta. Ali, Durante todo o final de semana, pesquisadores e professores, de várias instituições italianas se reúnem em um albergue, para apresentar e discutir *papers* que tratam de temas pertinentes ao campo da educação e do trabalho com as mídias do ponto de vista didático metodológico. Este seminário, chamado "Media, Storia e Cittadinanza", teve como fio condutor a responsabilidade da escola no trato com os meios no que se refere à construção da cidadania na sociedade contemporânea. Deste modo, a oportunidade de participar desse seminário proporcionou articulações com a minha investigação, abrindo meu olhar para a

importância de se pensar os processos de construção da cidadania que, hoje, obrigatoriamente passam pelo acesso aos produtos materiais e simbólicos produzidos pelos meios, principalmente pelo acesso à internet. Destaco também minha participação no seminário “MEDIATTIVO EUROPE: European Network for Media Education within Youth Work”, realizado em Milão, no qual professores, pesquisadores, representantes de ONG’s, e de outras instituições, apresentavam e trocavam experiências sobre suas atividades no campo da educação, exibindo os trabalhos com as mídias, desenvolvidos por grupos de jovens de diferentes países europeus, sobre temas como violência entre os jovens; desenvolvimento sustentável; controle de doenças; discriminação racial, etc.

Em ambos os seminários citados, grande parte das produções apresentadas eram pensadas e realizadas pelos jovens, que se utilizavam das tecnologias para a criação de produtos midiáticos (vídeos; blogs; sites; etc.) cujos conteúdos estão presentes não apenas na escola, mas, na sociedade de modo mais amplo, e o foco das discussões era a conscientização da atual configuração social sob a ótica do trabalho educativo com, para e sobre as mídias.

Diante desse contexto e das vivências que me foram proporcionadas, a idéia inicial de fazer uma breve comparação entre a realidade dos dois países, utilizando o material que já vinha coletando e arquivando - anotações provenientes das observações realizadas; levantamentos de dados estatísticos sobre os dois países; entrevistas e questionários contendo as falas dos jovens, aplicados com estudantes no Brasil e na Itália - foi ganhando corpo e espaço no interior da minha investigação. A participação nos seminários evidenciaram o potencial das tecnologias e dos jovens para criar novas estratégias de ensino/aprendizagem baseado na cooperação, na criatividade e na liberdade de expressão. Desse modo, os eventos contribuíram para ampliar o meu olhar investigativo, posto que, nos dois eventos assim como na minha pesquisa, os atores são os jovens e o que estes fazem ou podem fazer quando possuem o acesso aos meios e a liberdade para criar cooperativamente, difundir, trocar e socializar conhecimentos. Percebi que ali estava sendo praticado o trabalho cooperativo, de modo concreto, por meio de uma lógica que englobava jovens, adultos e tecnologias, situados no mesmo nível de importância para o desenvolvimento do processo criativo.

No fundo, já cultivava a idéia de transformar a “breve comparação”, inicialmente pensada como um capítulo da tese, em um estudo comparativo não tão breve assim. Agora a idéia que me seduzia e mobilizava era transformar todo o material no fio condutor da minha investigação. Mas, era ainda uma maturação não claramente delineada, caótica e confusa. A escolha pelo estudo comparativo se fazia atraente, mas ainda não conseguia visualizar o caminho que deveria percorrer. Por um lado, não cogitava abandonar os jovens brasileiros nas LAN houses e tampouco abrir mão do material que já havia reunido e que me era caro. Por outro, me aprofundar e conhecer melhor a realidade dos jovens na Itália era uma espécie de ‘imã’, uma força que atraía o meu olhar e a minha curiosidade. Foi nesse ponto que surgiram duas oportunidades que me fizeram acreditar que isso podia ser feito e me apontaram a direção de como fazê-lo. A primeira experiência significativa foi a oportunidade de acompanhar o trabalho coordenado pela pesquisadora Laura Comaschi. Com essa colega e com a participação de outras pesquisadoras do CREMIT, segui algumas etapas do projeto “Mídia Educação na Escola - Cidadania em jogo”, desenvolvido pelo grupo na escola secundária de 1º grau, João Paulo II, instituição católica da cidade de Melegnano. Acompanhei o planejamento do calendário de atividades para 2008/2009, e presenciei o desenvolvimento *in loco* na sala destinada ao projeto, dentro da referida instituição. Nessa escola, maior parte dos alunos atendidos, são de algum modo marcados pela reprovação em outras escolas e, em certa medida, marginalizados e considerados inaptos para a vida acadêmica.

A proposta de intervenção e de formação implantada pelo CREMIT nesta escola é planejada para ser desenvolvida durante todo o ano letivo, por meio de atividades como workshops, produção de vídeos, exposições fotográficas, criações de roteiros e execução de curtas, etc., com o objetivo de inserir e de mediar o trabalho com as mídias, priorizando nesse processo, o fortalecimento da autoestima desses estudantes e a construção da cidadania. Nesse sentido, a participação no projeto, dentre outros aprendizados, reforçou um dos pressupostos presente na nova trilha que pensava seguir. Embora ciente das diferenças culturais, políticas, econômicas e sociais existentes entre os dois países, Brasil e Itália, de certo modo, como os alunos de Melegnano, os sujeitos da minha tese são jovens de baixa renda marginalizados, no que se refere às condições econômicas, à faixa etária (quando pensada com base na relação idade/anos de escolarização),

marcados pela baixa auto-estima, fruto da discriminação, da reprovação escolar e do contexto em que se encontram inseridos.

Agora, irremediavelmente envolvida, a opção de me debruçar sobre os usos e as apropriações dos jovens, realizando um estudo comparativo entre os dois países, se fortaleceu e se afirmou. Contudo, a escolha foi consolidada quando comecei a colaborar com o 'Progetto OLPC Brescia',⁴⁹ que vinha sendo desenvolvido em sua tese de doutorado pela colega Magda Pischetola, pesquisadora do Cremit e coordenadora do projeto 'terza área', voltado aos alunos do Instituto Oriani Mazzini. Como o campo empírico original do meu projeto de pesquisa era definido por LAN houses situadas em uma comunidade de baixa renda, meu interesse coadunava com os interesses da investigação desenvolvida por Magda sobre o citado projeto, na medida em que esse, também investiga o que os jovens fazem com, na e da internet, priorizando escolas que atendem às comunidades de baixa renda.

Nessa perspectiva, questões como o acesso, a preparação para o uso responsável e a inclusão digital se fazem presentes em ambos os projetos. Como quem se encontra em meio a uma caminhada previamente definida e, de um momento para o outro, se depara com uma bifurcação inesperada, não prevista no mapa inicial, confesso que inicialmente hesitei. Mas, foi por pouco tempo. Por curiosidade, por sedução da experimentação, ou por mera intuição, abandonei a estrada principal e adentrei por esta trilha, não resistindo ao apelo exercido pelo

⁴⁹ Resumidamente, o projeto OLPC, (One Laptop Per Child), "Um laptop para cada criança", é uma iniciativa de Nicholas Negroponte, fundador do renomado MediaLab do Massachusetts Institute of Technology (MIT), com o objetivo de fornecer um computador a baixo custo para cada criança dos países em via de desenvolvimento. A idéia de Negroponte é simples. Segundo ele, "Um computador para uma criança: crianças são os recursos mais preciosos que temos, e cada uma delas pode aprender sozinha e ensinar as outras crianças". Nesse sentido o discurso do projeto se ancora no objetivo de reduzir o 'digital divide', isto é a 'distância no uso das tecnologias que separa países industrializados daqueles em via de desenvolvimento. Para a realização desse objetivo, no início do ano 2000, foi idealizado o XO, um laptop de baixo custo que ficou conhecido como o 'computador de 100 dólares'. Em geral seriam adquiridos em acordos fechados com governos e empresas interessados em implantar projetos de inclusão digital. No Brasil o projeto entrou em pauta de avaliação, concorrendo com mais dois projetos similares. Embora na época, tenha provocado grande entusiasmo, chegando a ser testado em uma escola de Porto Alegre, ao final o Brasil optou pelos computadores classmate produzidos pela positivo. Isso porque, com impostos, seguros e logística de transporte, o preço real dos laptops educacionais no Brasil chegou a pelo menos 350 dólares. Tal valor tornou inviável o projeto educacional idealizado por Negroponte. Na Itália, o projeto foi implantado em um acordo firmado com a administração da província de Brécia que, em 2008, adquiriu 700 computadores. A pesquisa da colega do Cremit tem por objetivo investigar o uso e a apropriação que os estudantes faziam desses computadores em sete escolas da província. (nota da autora).

desconhecido. Contudo, conservei comigo o mapa inicialmente traçado, que me assegurava o rumo e a proximidade do objetivo primeiro da minha investigação.

Nesse sentido, embora a nova trilha escolhida me conduzisse à uma mudança de enfoque, traçando outro recorte dentro do meu campo empírico, me obrigando a adotar outras estratégias e outras escolhas metodológicas, minhas inquietações e o objeto do meu estudo permaneceram os mesmos. Ou seja, por entender a Internet como ambiente com grande potencial de promover a construção do conhecimento e também como espaço de imersão e de socialização, continuei minha investigação no sentido de compreender, por meio dos usos e das apropriações realizadas na rede, os efeitos da inserção deste meio no universo dos jovens oriundos das classes menos favorecidas. Agora já não pensava apenas nos usuários das LAN houses no Brasil, incorporava no escopo da investigação o contexto italiano e os jovens de menor capital cultural e social que, á princípio, nem mesmo pensava que existissem em países desenvolvidos como é o caso da Itália.

3.2

Os atores da pesquisa

Como minha intenção era estudar grupos de jovens no Brasil e na Itália, e como estava naquele momento em Milão, preparei para estar em LAN house da periferia de Milão. Foi aqui que me deparei com a minha primeira dificuldade prática. Em Milão não existem LAN houses! Pelo menos não como as conhecemos no Brasil. Na cidade, os estabelecimentos que mais se aproximam desse modelo são os chamados 'Internet points', centros de acesso pago à Internet, porém com público, função social e características totalmente diversas daquelas assumidas pelas LAN houses nas periferias brasileiras.

Curiosa, visitei dois internet points, um na estação do metrô da Praça Loreto, (eles são muito comuns em estações de metrô), e outro em uma rua próxima à Estação Central de Milão. Aqui devo dizer que no internet point localizado próximo a estação, a minha permanência foi breve. O local não era muito acolhedor, o ambiente era pesado, pouco iluminado e a frequência, naquele final de tarde, totalmente masculina. Logo que entrei, vários olhares vieram em

minha direção, inclusive o do responsável pelo atendimento, um homem que calculei ter mais ou menos 40 anos, imigrante (me pareceu de origem árabe), que me olhou atravessado, me dando a sensação de que eu acabara de cometer um sacrilégio. Era como se a minha presença ali fosse uma ofensa. Mas como já tinha entrado, não quis perder a oportunidade.

Com muita dificuldade, consegui fazer com que ele entendesse que eu gostaria de usar um dos dois computadores desocupados. Com maior dificuldade ainda, consegui entender que eles estavam quebrados e que só dentro de, no mínimo, meia hora, haveria a possibilidade de que algum fosse liberado. Contra a vontade dele, disse que esperava um pouco e encostei-me ao balcão. Passada a surpresa inicial provocada pela minha entrada, todos, inclusive o atendente voltaram a prestar atenção na sua própria tela e parecia que eu tinha sido esquecida. Colada ao balcão, o mais discretamente possível, realizei uma breve observação da dinâmica do espaço. O local era limpo, mas não muito grande. Conteí onze computadores, nove em funcionamento e todos ocupados. Os boxes eram estreitos, quase colados um no outro. De onde eu estava, não dava para ver muito o conteúdo das telas, via apenas três e todas abertas no MSN. O curioso é que, na maior parte do tempo que estive ali, o silêncio reinou no local. Uma vez ou outra alguém falava algo que me parecia ser um protesto ou um xingamento, que passava despercebido. Com exceção de um usuário que não sei se dormia ou se lia algo na tela, tamanha era sua concentração, todos os outros usavam fones e faziam uso do teclado, embora os computadores possuíssem microfones. Mantinham os olhos colados na tela e digitavam, sem dar sinais de que percebiam a presença dos outros internautas. A faixa etária, segundo meus cálculos, girava em torno dos 35 aos 45 anos, porém não posso afirmar com precisão. Permaneci ali por mais ou menos quarenta minutos, e nada de novo aconteceu. Resolvi que era hora de ir andando. O atendente nem me olhou, apenas fez um sinal com a cabeça quando eu disse que não podia esperar mais e assim, saí dali realmente aliviada.

Confesso que depois dessa experiência negativa, pensei que nunca mais entraria em outro internet point. Porém, alguns dias depois, na estação do metrô da Praça Loreto, onde diariamente pegava o metrô para a Universidade, meu olhar foi atraído para o interior do internet point ali localizado. A claridade do ambiente e a movimentação no seu interior me deram a coragem necessária para entrar.

Atrás do balcão havia uma senhora de meia idade e uma jovem ocupada em fazer Xerox de um passaporte. Diante delas, três pessoas aguardavam atendimento. Esperei minha vez e aproveitei para observar um pouco o local. A sala retangular era menor ainda do que aquela que visitei anteriormente. Possuía 08 computadores, quatro de cada lado, de modo que os usuários ficavam sempre de frente para a parede e de costas para outro usuário. Ali havia também, em cabines fechadas ao fundo, dois telefones destinados a fazer chamadas internacionais. Três computadores estavam desligados e os cinco em uso eram também ocupados por imigrantes, masculinos, com idade acima dos 25 anos. Fingindo que esperava, fiz um giro pelo local e percebi que dois usuários liam, na tela, o que parecia ser um jornal ou boletim informativo de outro país (um foi fácil identificar como sendo em chinês, mas o outro não pude identificar). Outro ‘conversava’ por meio da digitação de textos no Skype e apenas um com câmera, fone e microfone falava por meio do MSN. Porém, notei que o movimento de entrada e saída das pessoas era, maior parte das vezes, para outras demandas como xerox, impressões, envio de fax, e outros serviços também oferecidos nesse estabelecimento. Observei por mais um tempo, porém quando a senhora que percebi pelo sotaque, não ser italiana, me perguntou o que desejava, agradei e fui embora, convencida de que os Internet points visitados não eram os espaços que eu buscava para a aplicação do meu questionário.

Pelo que pude perceber (e posteriormente confirmar), na maioria desses locais o público alvo são principalmente os imigrantes que moram em Milão, eventualmente, turistas de passagem pela cidade e, mais raramente ainda, um italiano. Os jovens, mesmo os de baixa renda ou com poucas possibilidades de acesso, raramente freqüentam estes espaços. Ali, também não se utiliza a rede para jogos ou atividades lúdicas, não se desenvolve relações de sociabilidade e não se caracteriza como um ‘ponto de encontro’. Sua principal função é de ordem prática, percebi que alguns usuários faziam o preenchimento de formulários, outros buscavam informações em sites turísticos ou de serviços, (horários de ônibus e trens, endereços, previsão do tempo, trajeto a ser percorrido entre dois pontos da cidade, etc.)

Aqui, abro um parêntese para narrar uma experiência que tive ao sair da Universidade. Andando no centro da cidade, deparei-me com um “internet point” funcionando em um prédio comercial. Chamou minha atenção que, além das

tradicionais salinhas tipo boxes, tinha uma bem maior, com uma mesa redonda circundada por seis computadores e seis cadeiras, além de um grande telão na parede. Entrei e conversei com o jovem filipino que, como eu havia imaginado, confirmou ser aquela sala um espaço utilizado por grupos, máximo de cinco pessoas, para videoconferência de trabalho ou estudo, para reuniões ou para famílias que vinham conversar com parentes ou amigos distantes. “Maravilhas da tecnologia” pensei. Porém, isso não resolvia o empecilho que se colocava para o andamento da minha pesquisa.

Frente a este impasse, em meio a várias sugestões do Prof. Rivoltella e de Alessandra, foi levantada, considerando os sujeitos da minha pesquisa, a possibilidade de testar o questionário com os alunos do Instituto Escolar Superior Oriani Mazzini, inseridos no ‘projeto terza àrea’, desenvolvido e coordenado pelo Cremit dentro da Própria Universidade Católica. Nesse momento, do ponto de vista metodológico, vale destacar que os sujeitos contemplados pelo projeto são jovens, na faixa etária entre os 16 e os 20 anos, marcados pela baixa auto-estima, que apresentam baixo capital cultural e social, marginalizados no que se refere às condições econômicas, com poucas condições de acesso ao mundo digital. Ou seja, um perfil muito próximo dos jovens das periferias brasileiras que buscam as LAN houses como espaço que dá condições de acesso à internet. Assim, em duas manhãs consecutivas, acompanhada pelas colegas do Cremit, Alessandra Carenzio e Laura Comaschi, vivenciei o meu primeiro contato com duas turmas de alunos da 4ª série superior do Instituto Oriani Mazzini, nas quais, depois de uma breve síntese sobre as características das LAN houses no Brasil, apliquei e discuti o meu questionário como parte de uma aproximação preliminar daqueles que viriam a se constituir como atores dessa investigação.

Já totalmente seduzida e cooptada por este novo universo, finalmente assumi as mudanças na minha investigação e, sem abandonar as LAN houses, me propus a fazer esse estudo comparativo entre os usos e as apropriações dos jovens na Internet, considerando tanto a realidade brasileira quanto a Italiana, traçando um panorama da inserção das tecnologias no cotidiano dos jovens marginalizados nos dois países. O aporte teórico de que precisava veio por meio das palavras de Bourdieu, quando este chama a atenção para o fato de que,

As técnicas e metodologias não devem se tornar prisioneiras da rigidez de determinadas escolas ou correntes. Deve-se, com rigor, mobilizar todas as opções possíveis e todas as combinações viáveis, desde quando adequadas ao problema. (Bourdieu, 1989)⁵⁰

Ciente das dificuldades da tarefa que me propunha, ou seja, de desenvolver a minha pesquisa sob esse novo caminho, fiz a opção por uma metodologia de pesquisa exploratória que toma como base os dados observados e recolhidos no campo empírico, em articulação dialógica com o campo teórico, constituído pelo amplo material coletado. Entretanto, como o objeto de estudo - o acesso, os usos e as apropriações dos jovens na Internet - é um terreno em formação, movediço, mutante, em constante fase de redescobertas, não buscarei aqui criar ou verificar hipóteses de maneira exata e precisa. Mesmo porque a multiplicidade de dados, depoimentos e opiniões colhidas neste estudo refletem a visão subjetiva e individual dos membros das comunidades pesquisadas. Mobilizada por esse novo desafio de investigar o acesso dos jovens de populações marginalizadas à Internet, sob a forma de comparação entre duas realidades diversas, no caso o Brasil e a Itália, quero crer que a pesquisa contribui no sentido de, ao dar visibilidade a estas realidades, apontar formas de se promover o uso consciente dos aparatos tecnológicos, destacando as potencialidade de transformar o conteúdo disponível na rede em novos conhecimentos, evidenciando a importância da educação para o desenvolvimento e para a conscientização da necessidade da participação ativa e democrática do indivíduo na sociedade.

- a) Assim sendo, a escolha por estes dois grupos de jovens, um no Brasil e o outro na Itália, para compor uma amostra intencional das práticas juvenis considerando os objetivos definidos pela pesquisa, se baseou nos seguintes critérios: Ambos os grupos são formados por jovens estudantes, na faixa etária de 16 a 20 anos de idade.
- Os estudantes brasileiros cursam o Ensino médio no Instituto de Educação Clélia Nanci, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil. Já os estudantes italianos cursam a formação profissionalizante no Instituto

⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Capítulo II, Introdução a uma sociologia reflexiva. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

Superior Oriani Mazzini, em Milão, Itália que equivale ao Ensino médio no Brasil, porém voltado para a formação para o trabalho.

- Ambos os grupos são de classe econômica menos favorecida e, maior parte das vezes, acessam a Internet fora de casa. Os alunos italianos participam do projeto de inclusão social firmado entre o Instituto Oriani Mazzini e a Universidade Católica de Milão, intitulado ‘terza área’, sobre o qual discorrerei mais adiante. Já os estudantes brasileiros são todos frequentadores de LAN houses, em São Gonçalo, e realizam seus acessos nestes locais, visto por muitos como espaços de inclusão digital.

Ainda como estratégia de pesquisa foi entrevistada a coordenadora do Projeto ‘terza área’, na Itália, e o presidente da ABCID – Associação Brasileira de Centro de Inclusão Digital - como os proprietários adotam a definição das LAN Houses. Foram feitas observações participantes em uma LAN house da cidade de São Gonçalo, onde se localiza o Instituto de Educação Clélia Nanci, e também observações participantes durante as aulas do Projeto Terza área; concomitantemente, foi realizada uma ampla revisão bibliográfica e uma minuciosa análise de documentos e dados estatísticos sobre o acesso à Internet nos dois países, além da aplicação do questionário junto aos jovens atores da pesquisa.

3.3

Os instrumentos – Trilhas percorridas

Para este estudo foram utilizados basicamente dados qualitativos. As técnicas de pesquisa utilizadas foram: análise de documentos; observações participantes em trabalho de campo de cunho etnográfico; entrevistas em profundidade semi-abertas; questionário que, embora seja um instrumento quantitativo foi analisado dentro de critérios qualitativos, funcionando como um instrumento disparador de conversas e discussões informais sobre o tema. Por último, foi utilizado o estudo comparativo para a análise dos dados.

A pesquisa documental

A pesquisa documental foi um dos principais recursos metodológicos utilizado na construção desse trabalho. O consistente material teórico que eu acumulei ao longo do doutorado foi fundamental para a elaboração do quadro teórico, do questionário, das entrevistas e para traçar o cenário da divisão digital nos dois países. Nesse sentido além das leituras dos autores que discutem o tema e das pesquisas em banco de teses e demais sites acadêmicos disponibilizados na Internet, devido à atualidade do tema e de sua constante discussão na mídia, lancei mão de reportagens e matérias publicadas em jornais, revistas e cotidianos. Como a temática dos jovens e da Internet parece estar na pauta do dia, é enorme a quantidade de matérias e notícias publicadas pelas mídias sobre o tema. Também realizei uma grande imersão em sites responsáveis pelas estatísticas sobre a rede nos dois países e, graças à quantidade de dados secundários, estatísticos e informacionais, pude construir um breve panorama das duas realidades, considerando os usos e acessos a rede. Todo esse material foi salvo e arquivado em pastas digitais, visando desse modo facilitar as futuras consultas aos arquivos, constituídos de textos, gráficos, resumos, tabelas, fotos, etc.

A Observação

Considerando que nas palavras de Geertz, fazer etnografia “é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” (Geertz, 1978 p.20), durante as observações realizadas nas LAN houses, em maio e abril de 2008, e naquelas realizadas nas aulas do “projeto terza área”, em outubro de 2009, tentei decifrar o ‘manuscrito’ que a mim se apresentava, apurando o meu olhar e minha audição, buscando não perder de vista os detalhes e as particularidades dos acontecimentos que se davam no interior destas situações. Consciente de que a minha leitura era, “um olhar por sobre os ombros”, (Geertz, 1978 p.20), uma interpretação de segunda mão, eu sabia o tempo todo que, ali, naqueles espaços, eu era a ‘imigrante’, posto que desconhecia as regras e os signos da cultura que vigorava naquele contexto. Nesse sentido, por meio de um olhar que tenta capturar as particularidades do acontecimento, durante as

observações ouvi atentamente as falas e registrei os acontecimentos que ocorriam, procurando ser fiel ao máximo ao ponto de vista do ‘nativo’ do contexto, que eram os alunos, os jovens atores da minha pesquisa. Tinha a consciência de que eram eles que podiam, por meio de suas falas, ações e comportamentos me dizer algo sobre os significados daqueles acontecimentos.

A conversa informal durante os intervalos, os silêncios, as expressões que muitas vezes escapavam da boca, foram atentamente registradas e analisadas no meu processo de interpretar os significados, e recuperadas durante essa escritura.

As entrevistas

Foram feitas duas entrevistas individuais durante essa investigação. Uma no Brasil, em abril/2008, com o Sr. Mario Brandão, presidente da ABCID – Associação Brasileira de Centro de Inclusão Digital. E outra em outubro de 2009, na Itália, com a coordenadora do projeto ‘terza área’ e doutoranda do Cremit, a colega Magda Pischetola. Optei, nessa etapa, pela entrevista aberta, semi-estruturada que, embora possua um roteiro (ver anexos), ele funciona apenas como um guia de orientação, sendo que procurei deixar os entrevistados a vontade para falar com liberdade e expressar sua visão sobre as questões propostas. Isso me pareceu ser a melhor forma de conduzir e explorar o tema, na medida em que o entrevistado não se sente limitado por uma estrutura fechada, pré-determinada. As falas foram gravadas e depois transcritas para serem analisadas. Além disso, também registrei por meio de anotações, algumas falas que me pareceram merecer maior atenção e que posteriormente me seriam úteis para facilitar o trabalho de transcrição. Minha intenção com as entrevistas foi a de ouvir e conhecer um pouco qual é a visão que a coordenadora de um projeto de inclusão e que um ativista defensor das LAN houses, (ele mesmo proprietário de uma), como espaço de inclusão digital, tinham sobre questões como acesso, usos e apropriações dos jovens na rede e inclusão digital, no Brasil e na Itália.

d) O questionário

Para a construção do meu questionário tomei como ponto de partida o modelo do questionário construído pelo JER, antes da minha ida para a Itália. Nessa época, eu participava com o grupo do processo de construção conjunta para definir o modelo final do questionário que seria utilizado pela pesquisa *Mestres na Web*. Depois, já fora do Brasil, continuei acompanhando pela Internet a finalização desse processo. Quando recebi o modelo final percebi que, com algumas modificações, a estrutura atenderia também aos objetivos da minha pesquisa. Durante a primeira etapa do meu estágio na Itália, comecei a trabalhar em cima desse modelo, sob a orientação do professor Rivoltella. Depois de idas e vindas, alterações, incorporações e cortes que visavam assegurar sua melhor estrutura, ele foi finalmente validado pelo professor Rivoltella e pela Professora Aparecida Mamede, minha orientadora.⁵¹ A estrutura final do questionário utilizado em minha pesquisa apresenta trinta e uma questões (ver anexo) consideradas satisfatórias para atender os objetivos da pesquisa. Ele é composto por questões abertas e fechadas e está dividido em três partes: a primeira parte (1ª a 6ª questão) está voltada para a identificação do perfil do entrevistado; Na segunda parte (da 7ª a 16ª) tratei especificamente do uso da Internet fora de casa, (LAN house, Internet point ou outros espaços de acesso público); A terceira e última parte (17ª a 31ª) versa sobre as práticas pessoais dos entrevistados na Internet, abordando as finalidades e as condições de acesso a ela.

Depois de pronto, fiz a testagem em duas classes do ‘projeto terza área’, tendo o cuidado de antes de aplicá-lo, fazer uma breve exposição sobre o tema, principalmente sobre o que representa as LAN houses no Brasil. Para isso, utilizei textos e imagens de várias LANs brasileiras e alguns dados estatísticos relativos ao seu uso e ao papel que estes estabelecimentos assumem junto aos jovens de baixa renda no Brasil. Devo destacar que foi uma experiência gratificante e muito bem recebida pelos alunos.

Depois, ele foi aplicado no Brasil, com 20 alunos brasileiros, do Instituto de Educação Clélia Nanci, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, e, na Itália, com 20

⁵¹ Na tradução e validação do questionário contei com a orientação segura do Prof. Rivoltella e da Dra Alessandra Carenzio.

alunos Italianos do Instituto Escolar Superior Oriani Mazzini, inseridos no ‘projeto terza àrea’, compondo um total de 40 questionários. Apesar de o questionário ser um instrumento mais relacionado a pesquisas quantitativas, destaco que o utilizei como uma técnica de pesquisa qualitativa e, em momento algum, pensei em fazer um cruzamento quantitativo das respostas obtidas, mesmo porque, a quantidade de componentes da amostra intencional adotada, não seria representativa para uma posterior generalização dos dados.

As técnicas qualitativas de coleta de dados objetivaram realizar uma escuta acurada dos jovens entrevistados, buscando colher pistas, seguir rastros e identificar os indícios fornecidos por eles, para desse modo encontrar as trilhas que ofereçam as melhores possibilidades de respostas para as questões e inquietações que mobilizaram a construção dessa pesquisa.

3.4 Procedimentos adotados

Quando comecei a estruturar a tese visando realizar este estudo comparativo entre o Brasil e a Itália, já possuía um vasto material documental, principalmente sobre os jovens e as LAN houses, fruto das anotações feitas com base nas leituras realizadas e de um arquivo que comecei a estruturar tão logo entrei para o doutorado. Como a LAN house é um fenômeno em evidência no Brasil e, por esse motivo, aparece constantemente nas mídias, esse arquivo era basicamente composto por notícias de jornais, revistas e sites que publicavam matérias sobre o assunto. No entanto, sobre o panorama italiano e sobre o projeto ‘terza área’, o material documental que naquele momento eu possuía, era ainda frágil e na maioria dos casos, fruto de observações e anotações pessoais que as experiências vivenciadas no Cremit, durante a minha permanência na Itália me proporcionaram. Assim, com a ajuda dos colegas do centro desenvolvi uma densa pesquisa dentro do próprio Cremit, na biblioteca da Universidade e na Internet.

Todo esse material foi separado e catalogado em pastas e em arquivos digitais que, depois, foram várias vezes consultados e revistos. Durante a análise dos dados que antecedeu a escrita desta tese, devo admitir que experimentei vários

sentimentos em um breve espaço de tempo Primeiro o susto, seguido pelo pavor e, depois, o pânico.

O susto levei quando, organizando meus arquivos, me deparei com a quantidade de textos, resumos, reportagens, anotações, imagens, enfim todo o enorme material que, sem perceber, eu tinha reunido até então. *‘Tudo bem pensei, vai ser difícil, mas com calma e organização vou conseguir aproveitar esse material dentro da tese sem ter que descartar nada’*. Nesse momento, eu ainda estava invadida pela certeza de que ‘tudo era importante’ e ‘nada podia ficar de fora’. Então, comecei a empreitada.

Foi aí que me apavorei. Revendo e analisando o material, fui obrigada a admitir que se continuasse nessa linha, escreveria uma tese com no mínimo quatro volumes. Então veio o pânico. Precisava enfrentar a difícil e dolorosa tarefa de selecionar o que entraria e o que ficaria de fora.

Para resistir à tentação de usar tudo, precisava pensar na qualidade e não na quantidade de informações que deveria constar do meu relato. E assim fiz.

Para as anotações e resumos provenientes das leituras realizadas, adotei como critério minha identificação acadêmica com a concepção teórica e com as idéias defendidas pelos autores. Já para o material proveniente das diversas mídias, considerei a vinculação com as questões pertinentes a essa investigação e depois a atualidade da notícia e/ou dos dados estatísticos. Assim, o relato, os dados documentais, textuais e iconográficos aqui apresentados, é o resultado de uma seleção, que priorizou esses critérios.

Como já disse anteriormente, no caso das entrevistas abertas que foram gravadas e depois transcritas, procurei analisá-las por meio da interpretação das falas dos entrevistados considerando seus pontos de vista. Nesse processo de interpretação, considerei não somente a fala dos entrevistados, mas também o lugar de onde falam, o contexto em que se encontram inseridos, e os sinais representativos de suas visões sobre as questões colocadas. Como ressalta Geertz,

As situações, pessoas, ambientes, depoimentos e diálogos serão transformados em relatos interpretativos, descritos com densidade considerando o ponto de vista dos atores em seus próprios termos, ou seja, a forma como os sujeitos vêem a si mesmos, as suas experiências e o mundo que os cerca. (GEERTZ, 1978:14).

Assim não optei pela descrição integral pura e simplesmente das entrevistas e sim por apresentar, interpretar, e comparar trechos que me pareceram significativos, tendo como um dos critérios interpretativo as contingências históricas e culturais dos países e a realidade de cada um dos entrevistados.

As entrevistas realizadas utilizando questionários fechados são menos flexíveis por seguirem um instrumento de coleta de dados pré-elaborado, mas são úteis quando se deseja obter informações diretas e representativas de um determinado grupo cuja amostra é suficientemente significativa e os dados podem ser generalizados.

No meu caso, particularmente, os questionários aplicados com os jovens, teve como objetivo primeiro ser o disparador das discussões, comentários e debates que se realizaram após a sua aplicação.

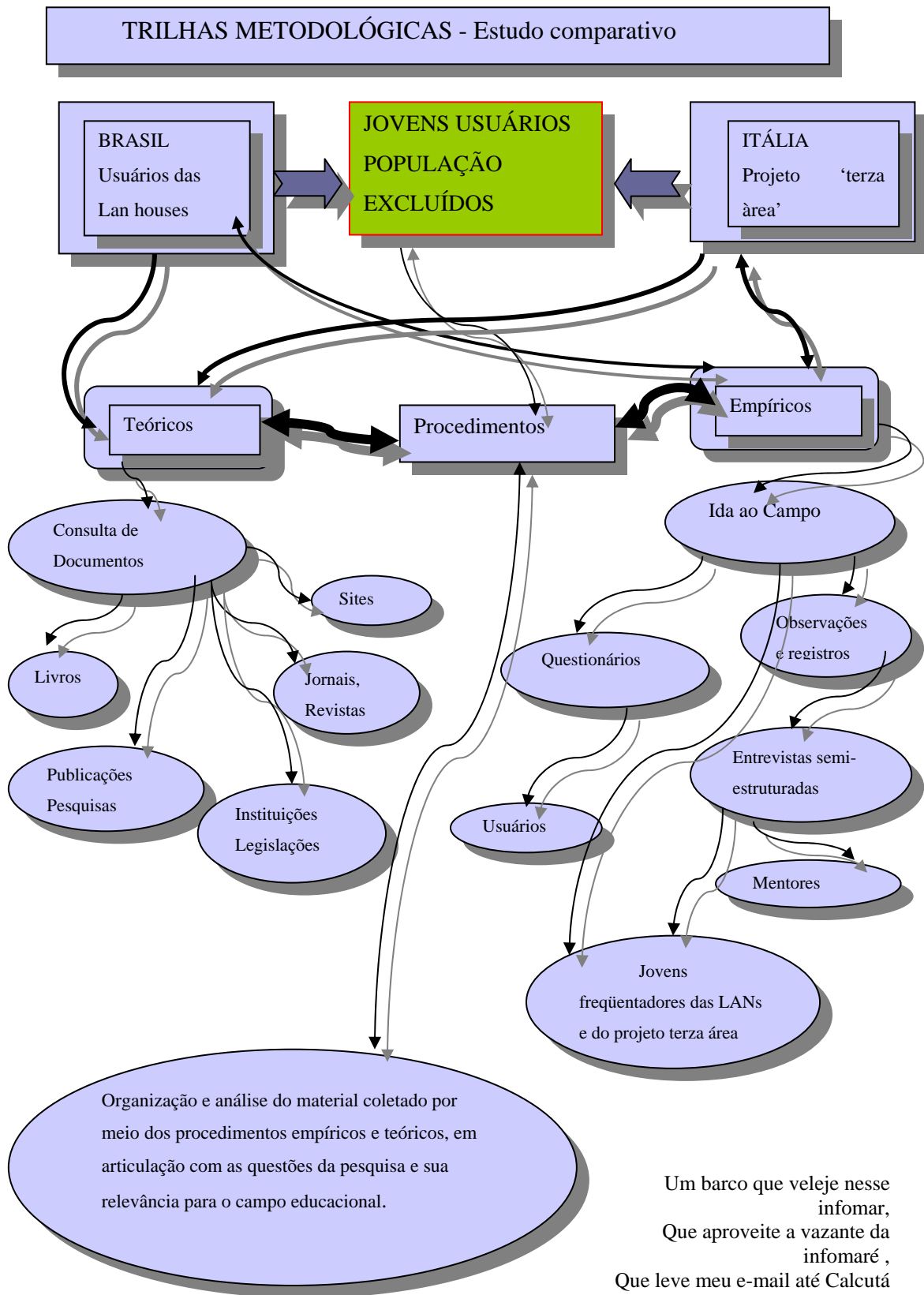
Sob essa ótica, as respostas aos questionários, refletiram as interações de dois grupos de internautas específicos, em tempos e lugares definidos e, nesse sentido, não pretendeu entender os resultados como sendo resultados de todas as interações, de todos os jovens, de todos os lugares, como, aliás, já coloquei acima. É apenas o resultado dessa investigação e só a ela responde.

Assim, o questionário foi tratado de modo qualitativo, exceto em relação a algumas questões fechadas que, se considerada importante para essa investigação, foi analisada de modo quantitativo, descrita por meio de tabela ou gráfico, mas apenas quando seus dados atendiam aos interesses de comparação entre as duas realidades trabalhadas nesta tese.

Enfim, a seguir apresento um gráfico em que, busco, por meio da ilustração visual, tornar mais compreensível as etapas e as trilhas percorridas durante a pesquisa. Do ponto de vista do estudo comparativo entre as LAN houses Brasil e o projeto 'terza àrea' na Itália, o elo de união se estabelece por meio da investigação nos usos, acessos e apropriações realizados pelos jovens, oriundos de famílias de baixa renda, na Internet.

Depois dos caminhos percorridos, e de cumpridos todos esses procedimentos, o resultado final se materializa nesta tese, que tem como aspiração maior, reunir dados e informações que, de algum modo, possam contribuir para enriquecer o campo educacional.

Quadro 3 - Trilhas metodológicas percorridas



Um barco que veleje nesse
 infomar,
 Que aproveite a vazante da
 infomaré ,
 Que leve meu e-mail até Calcutá
 Num site de Helsinque
 Para abastecer
 (Pela Internet, Gilberto Gil)